



Prof. Manoel Barbosa Neres

Biografia:

Manoel Barbosa Neres é graduado em Filosofia - Seminário Nossa Senhora de Fátima (1993); em Teologia - Seminário Arquidiocesano Nossa Senhora de Fátima (1996); em Tecnologia em administração pública pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2007); mestre em Ética teológica pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção (2000) e em Educação pela Universidade Católica de Brasília – UCB (2015). Professor na UCB. Voluntário em ações sociais no Quilombo Mesquita, Cidade Ocidental. Coordenador do projeto cultural-musical “Som de quilombo”. Autor do livro “Opção honestidade: desafio aos corações valentes”. Contato: maneneres@gmail.com

Entrevistadores:

Janaína Almeida, Rodrigo Capelle Suess e Vanessa Nascimento Freitas

Quilombo Mesquita: História, identidade e pertencimento

Publicado em: RCC #20 · v. 7 · n. 1 · março 2020

1. Revista Com Censo (RCC) - No prefácio de seu livro Quilombo Mesquita: história, cultura e resistência, escrito por Wellington Jesus, a seguinte questão é colocada: “Um quilombo na periferia do Distrito Federal? Se os apologistas dos mitos dos sonhos de Dom Bosco e de Juscelino Kubitschek não sabiam... um pesquisador provou que existe e se impõe como realidade”. Nesse sentido, de que forma a narrativa proposta pelos remanescentes quilombolas complementa ou traz uma nova leitura para a história do Distrito Federal – especialmente no campo da educação?

Manoel Barbosa Neres - Convivo com os quilombolas de Mesquita há quase 40 anos e todo dia aprendo um pouco mais. Nestes dias tenho trabalhado muito na roça com um jovem chamado Elielton, ou simplesmente, “Eta”. Impressionante como ele dá detalhes e fortalece as narrativas sobre a relação dos quilombolas com Brasília, seja no tocante às particularidades da região anterior a Brasília, como no que diz respeito à nova realidade a partir da construção da Capital. Com isso, muitos elementos são acrescidos ao quadro sócio-histórico-cultural da região. Exemplos: padrões acentuadamente coletivos na prática quilombola e parte da sociedade de então (criação de gado solto no campo, sem cercas; na área onde hoje se encontra a Esplanada dos Ministérios, além de campo de pastagem, havia um ponto -curral- para negociação dos animais), os quilombolas foram muito ativos na Missão Cruls, Coluna Prestes, recepção a Juscelino e sua comitiva, iniciaram as obras do Catetinho, fizeram os serviços domésticos do Presidente, e forneceram alimentos (cereais, frutas, doces, rapaduras, marmeladas, queijos, etc.) aos candangos. O território quilombola Mesquita era bastante vasto, incluindo evidentemente, uma boa porção de área no Distrito Federal. Parte disso foi mantido

na demarcação do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) do Incra (legalmente, o território Mesquita insere-se no Goiás e no DF).

2. RCC - Em seus trabalhos e palestras mais recentes o senhor vem destacando a importância de se compreender a ancestralidade como um movimento de conhecer a si mesmo, o outro e o coletivo. O que você guarda de sua ancestralidade e quais são as mudanças que compõe o sujeito que conhecemos hoje como Manoel Neres? Quais percursos você destacaria da sua história de vida e em que ponto esse percurso se confunde com a própria história do Quilombo Mesquita?

Manoel - O relacionamento com Mesquita me conecta diretamente com meu lugar de origem, infância, juventude, família e vida adulta. Sou natural de Brejolândia, BA. Perto da minha vila havia um povoado de nome Mocambo (sinônimo de Kilombo). Antes de me inserir na causa quilombola, eu não tinha a menor ideia do significado disso e muito menos que poderia ter também raízes sociológicas dessa natureza. Com isso ocorreram mudanças importantes em minha forma de interpretar alguns acontecimentos de minha história de vida, família, vida social; uma releitura de fatos vinculados ao racismo, práticas culturais, religiosas. Assim, o interesse pelas questões negras, quilombolas, afro-brasileiras ficaram muito mais agudas em mim. Essa trajetória se acentuou muito exatamente a partir de 1984, quando passei a ter contato com Mesquita.

3. RCC - Sabe-se que uma das principais lutas dos remanescentes quilombolas no Brasil ainda é o reconhecimento de seus direitos culturais, identitários, históricos e fundiários. Como a Educação Patrimonial pode colaborar com esse movimento, sobretudo no contexto do Quilombo Mesquita?

Manoel - Tomando por analogia o elemento psicosocial fundante do fator identitário, qual seja, o nome, o primeiro elemento a adotar na prática é a adoção definitiva do termo “Quilombo Mesquita” (prefiro sempre a escrita com “K”, uma vez que não existe a letra “Q” nas línguas “bantu”, origem do nome kilombo). Referir-se a Mesquita sempre como um kilombo. Parece estranho, mas utilizar esse termo em referência a Mesquita não é uma situação tranquila no município de Cidade Ocidental. Outra providência a adotar é passar a tratar esse kilombo como ente integrante do território do Distrito Federal, não mais disseminar a falsa informação de “Brasília não tem kilombo”. Como disse acima, boa parte de Mesquita está localizada no Distrito Federal (a Grande Brasília). Esse justo reconhecimento pode ajudar

muito, inclusive na implantação de políticas públicas. Fundamental também é reconhecer os elementos histórico-culturais de Mesquita (estilo de vida, produção, festas, receitas, religião, relação com o meio ambiente, personalidades, arte, literatura). Favorecer a criação de espaços, monumentos, homenagens e intercâmbios, os quais favoreçam o relacionamento dos/as quilombolas com a sociedade candanga e suas instituições, além da inserção do tema no currículo escolar dos diversos níveis do sistema de ensino.

4. RCC - O educador Miguel Arroyo articula a perspectiva do currículo como território de disputa e reafirma a necessidade de construirmos como parte do currículo autoimagens e representações sociais mais positivas dos diferentes. Para este autor, importa sim quem fala – em outras palavras, que seja então mostrado o rosto de quem fala. Considerando esta perspectiva, quais elementos da cultura afro-brasileira que você acredita que devem ser resgatados na perspectiva curricular do Distrito Federal, particularmente neste momento em que se completa 60 anos de Brasília?

Manoel - Importante valorizar as narrativas dessas pessoas, elas sempre tiveram muito a dizer, mas quase nunca foram levadas a sério. Dar voz a elas é de fato uma necessidade se realmente queremos formar uma sociedade mais humana. É também mais que oportuno darmos visibilidade para a luta dessas pessoas, as quais são muito agudas ainda nos dias de hoje. Essas lutas se traduzem na garantia do território, no reconhecimento identitário, na valorização cultural, na abordagem educacional, na inserção universitária e no acesso a políticas públicas em geral.

5. RCC - Diversos povos tradicionais da América Latina possuem saberes únicos a respeito do que representa cultura e natureza; esses saberes, com frequência, vêm nos ajudando a repensar posturas menos predatórias. O Quilombo Mesquita corrobora essa perspectiva? Que essências e propósitos dessa territorialidade colaboram para a construção de um projeto democrático e sustentável de Distrito Federal?

Manoel - Mesquita contribui muito nesse sentido. Busca ter uma relação muito equilibrada com a natureza, planta e cultiva no modo tradicional, pratica ações de reflorestamento, pratica o extrativismo medicinal e de consumo, disponibiliza produtos orgânicos, mantém e divulga as receitas antigas e mantém um estilo de vida muito próximo ao de seus ancestrais, o que afasta um pouco o risco predatório típico da modernidade. ■